

# **A Revelação na Teologia Neo-Ortodoxa de Emil Brunner: Exposição e Crítica**

*Jefté Alves de Assis*

## **1. PROPÓSITO DE SUA TEOLOGIA:**

À luz do seu contexto – a teologia liberal do séc. XIX e meados do séc. XX, Brunner intentava em seus escritos combater a teologia reinante da época, cuja mensagem proclamava a unidade metafísica, epistemológica e ética entre o homem e Deus, onde o homem pelas suas próprias capacidades inatas poderia chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Isso era tão evidente, que Brunner achava que o mau da teologia moderna nasceu da relação conflitante entre sujeito e objeto, quando o homem tentava conhecer a Deus de uma maneira racional. Não obtendo sucesso com isso, o sujeito (homem) subordinado o objeto (Deus) a seu próprio caráter e ser. Foi nesse exato ponto que as ciências naturais/naturalismo dominaram a teologia com suas próprias conclusões aplicadas a Deus, segundo seu pensamento.

Grenz e Olson resumem bem a pano de fundo que Brunner vivia para combater: “uma teologia de imanência como essa foi epitomada nos vários ramos do pensamento hegeliano e ficou implícita em toda a metodologia teológica do liberalismo protestante clássico na virada do século”<sup>1</sup>. Apesar de toda esta rebelião contra tais pensamentos, Brunner não foi aliado da ortodoxia, posto que a criticava devido a seu conceito de inspiração verbal/proposicional contida nas Escrituras.

## **2. TEOLOGIA DA REVELAÇÃO DE BRUNNER:**

Para entendermos o conceito que Brunner tinha sobre Bíblia e Revelação, precisamos entender a sua teologia dialética e como ela foi a base para tal conceito.

---

<sup>1</sup> Stanley J. Grenz e Roger E. Olson, *A Teologia do Século 20* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), 92.

## 2.1. Teologia Dialética:

Atualmente, quando pensamos em conversação ou diálogo é bem mais compreensivo entendermos algo que para Brunner era uma situação de encontro que transcende as categorias tradicionais de objetividade científica e subjetividade experimental. Para Brunner, o “encontro” era uma idéia bíblica autêntica, porque reuniu o evento da revelação e confrontação de divino-humano.

Neste ponto, Barth e Brunner estão em perfeito acordo. Eles defendem que somente através da dialética é possível entender a “Palavra de Deus”. Dialética é “o processo de pensamento ou argumentação que envolve contradições e sua resolução, às vezes sob a forma de perguntas e respostas contrárias”<sup>2</sup>.

Brunner em seu livro “A Palavra e o Mundo” disse:

Qualquer discurso sobre Deus é necessariamente ‘paradoxal’. Somente através da contradição entre duas idéias – Deus e o homem, graça e responsabilidade, santidade e amor – é que podemos captar a verdade contraditória de que Deus eterno entre no tempo ou de que o homem pecador é declarado justo. A teologia dialética é o modo de pensar que protege esse caráter paradoxal próprio do conhecimento religioso das especulações não paradoxais da razão.<sup>3</sup>

Battista Mondin dá um bom exemplo dessa teologia dialética:

A Escritura nos revela Deus como Deus de santidade e amor, vale dizer, como síntese de opostos. Por conseguinte, a santidade é a característica que distingue Deus de toda outra coisa, sendo pois a característica que o afasta de nós. Já o amor é a característica pela qual Deus entra em comunhão conosco. Santidade e amor encontram-se em contradição e, no entanto, o amor aperfeiçoa a santidade e, vice-versa, só há um perfeito amor onde há uma perfeita santidade. A unidade e ao mesmo tempo a não-identidade entre a santidade e o amor representam a principal característica de tudo o que a Revelação nos diz sobre Deus.<sup>4</sup>

Ao entender de Brunner, quando se tinha fé, o pensamento e a vontade do homem cediam-se diante da verdade e da vontade de Deus. Assim, a teologia nunca poderá ser outra coisa senão uma tentativa de transcrever, de alguma

---

<sup>2</sup> C. Stephen Evans, *Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião* (São Paulo: Vida, 2004), 42.

<sup>3</sup> Emil Brunner em Battista Mondin, *Os grandes teólogos do século vinte* (São Paulo: Teológica, 2003), 85.

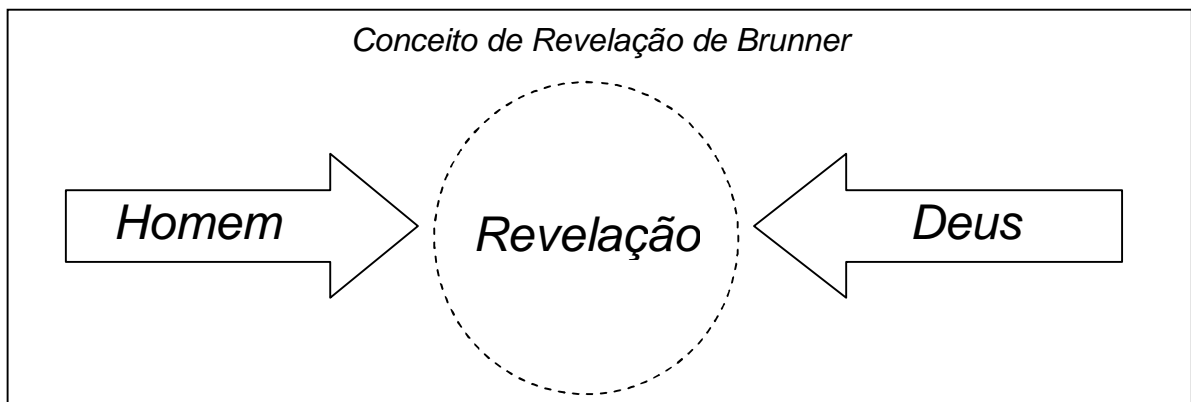
<sup>4</sup> Battista Mondin, *Os grandes teólogos do século vinte*, 95.

maneira, a controvérsia entre a Palavra de Deus o pensamento do homem. Isso era tão presente na teologia de Brunner que já na última década de sua vida que a dialética entre Lei e Evangelho se tornou o ponto central da mesma.

É por essa razão que Brunner irá falar que a razão ela não tem condições de resolver os problemas dos homens. Assim, o homem não deve ser conhecido partindo do seu ser, mas apenas de Deus.

## 2.2. Revelação:

Fundamentado em sua teologia dialética, Brunner desenvolveu uma teologia de correspondência pessoal, entre o homem e Deus. Na sua teologia, o homem é um ser responsável que está apto a responder. E a revelação acontece quando Deus dá a sua resposta, através de sua automanifestação.



Para Brunner falar em revelação implicava em uma relação como um encontro entre “EU E TU”, um encontro entre o homem e Deus. A própria essência do cristianismo está em tal encontro. Por isso, o conhecimento de Deus é pessoal. Tal conhecimento transcende o plano dos objetos e o dualismo sujeito/objeto existente no conhecimento desses objetos. Para Brunner a revelação não é uma comunicação de instrução intelectual de uma doutrina sobre Deus. Por isso ele dizia que todos os termos impessoais usados para descrever Deus, aquele que é transcendente, são inadequados. Assim, a verdade revelada sobre Deus acontece durante a crise gerada pelo encontro entre Deus e a pessoa humana em que Deus fala e a pessoa responde. A verdade não é algo refletido, mas ela está sob forma de uma convocação pessoal.

Com vistas a isso, nada mais normal do que chegarmos à conclusão de que Brunner acreditava e defendia que proposições verbais não poderiam

conter a revelação de Deus, posto que a revelação supera toda barreira sujeito-objeto para não dar simplesmente uma comunicação de conhecimento, mas uma comunhão vivificante e renovadora, *para comunicar a si mesmo, e não algo sobre si. Conhecer é apossar-se.* Revelação é fato e não palavras. Deus revela a si mesmo em Jesus Cristo. Neste caso a Bíblia é simplesmente uma formulação discursiva do homem... não passa simplesmente de testemunha da real revelação. Portanto, se as Escrituras não são revelação divina, conseqüentemente elas são passíveis de falha. É bem verdade que Brunner não desconsiderava totalmente a Bíblia. Ele chegava a dizer que ela era indispensável para a fé cristã, posto que era o primeiro registro da revelação – Jesus Cristo, e um instrumento da revelação – o encontro “EU E TU” com Deus em que o crente se torna contemporâneo de Jesus Cristo.

Havia apenas dois momentos para o tipo de revelação: (1) historicamente, quando Deus se encarna em Cristo; (2) no presente, quando o Espírito Santo atua no interior do indivíduo, testemunhado a Cristo e o tornando contemporâneo. Ele dizia:

Somente nessa Palavra do Espírito Santo é que a revelação divina de Jesus Cristo torna-se a palavra verdadeira e real de Deus para o homem, dentro do qual o termo parabólico da revelação histórica *Deus dixit* [Deus falou] torna-se *Deus dicit* [Deus fala] e deve ser compreendida literalmente.<sup>5</sup>

Um exemplo muito interessante acerca do segundo momento da revelação (presente) é sentido quando Brunner exemplifica sua posição acerca da proclamação no rótulo de uma velha vitrola. Ela descrevia fielmente a mensagem que Brunner queria falar quando dizia acerca da proclamação: “A VOZ DO SEU SENHOR”. Quando Brunner mostrava isso, dava uma boa idéia daquilo que a Bíblia era em posição a revelação: o cristão deve escutar a Bíblia apesar das distorções e imperfeições que o antiga vitrola pudesse produzir, posto que ele iria ouvir ranhuras da “voz do seu senhor”. A Bíblia não é a Palavra de Deus, mas podemos escutar a Palavra de Deus na Bíblia.<sup>6</sup>

### 3. CRÍTICAS A TEOLOGIA DA REVELAÇÃO DE BRUNNER:

Os teólogos neo-ortodoxos, dentre estes os aderentes da teologia

---

<sup>5</sup> Emil Brunner em **Grenz e Olson**, *A Teologia do Século 20*.

<sup>6</sup> Veja **Ronald H. Nash**, *The Word of God and the mind of man* (Phillipsburg: P&R Publishing), 38.

dialética (e.g. Barth<sup>7</sup> e Brunner), tiveram *intenções* boas. Eles se levantaram em busca de algo para crer realmente, numa época onde a fé estava amarrada ao liberalismo fundamentado no homem. No entanto, a realidade mostra que nem sempre as boas intenções nos levam a conclusões e posições corretas. Este foi o caso de Brunner que andou apenas a metade do caminho de volta e, conseqüentemente, não chegou a crer na revelação proposicional das Escrituras.

Antes de entrarmos no cerne da questão proposta, é bom lembrar aquilo que Ronald H. Nash dizia:

“Os evangélicos precisam explicar claramente que eles crêem que a revelação pode ser igualmente pessoal e cognitiva. Os ortodoxos afirmam que o objeto ultimo da revelação é Deus, não somente alguma verdade sobre Deus. Qualquer coisa que Deus revela e qualquer meio que Ele usa na revelação é para conduzir o povo dentro de uma revelação pessoal, redentora, amorosa e servil com Ele mesmo”.<sup>8</sup>

Quando vemos a errônea tendência da neo-ortodoxia sobre a revelação, demonstrada em Brunner por exemplo, é de chegarmos ao ponto de afirmar que Deus só se dá a revelar apenas proposicionalmente. Mas, é verdade que Deus também revela a Si mesmo pessoalmente em encontros que não podem ser vertidos a proposições. Este foi o caso de Paulo em 2Co 12.1-4, o qual foi impossível dar uma observação acerca de tal situação. Jesus Cristo é a revelação de Deus (Jo 1.18), mas ele não é proposicional.<sup>9</sup>

Eis algumas críticas que podemos dar a sua teologia da revelação de Emil Brunner<sup>10</sup> de acordo com uma posição fiel a teologia reformada:

### **3.1. A revelação não proposicional faz Deus impessoal, e não mais pessoal:**

Neste sentido, é necessário que venhamos a pensar o seguinte: é inquestionável que a personalidade como um todo não possa ser expressada dentro de proposições. Mas também é verdade que é necessário que

---

<sup>7</sup> Para um bom artigo sobre o pensamento barthiano leia **Franklin Ferreira**, “Karl Barth: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia” *Fides Reformata* I:1 (Janeiro-Junho 2003): 29-61.

<sup>8</sup> *idem*, 46. minha tradução.

<sup>9</sup> Essa era a mesma preocupação que H. D. McDonald que Nash relatada *The Word of God and the mind of man*, 48-49.

<sup>10</sup> Estas mesmas críticas podem ser feitas a Barth, posto que neste assunto este estava muito próximo a Brunner.

venhamos falar acerca de nós mesmos em linguagem, se não quisermos ser augures mudos. “Privar uma pessoa da linguagem e da capacidade de fazer articulações de si próprio é tornar a pessoa sub-pessoal”.<sup>11</sup> Se pensarmos sobre isso, chegaremos à conclusão de que Deus não seria capaz de expressar acerca de si próprio numa linguagem pessoal, o que nos levaria indubitavelmente Deus ser menos impessoal. Neste ponto é interessante indagar: como Brunner sabe tanto sobre Deus? Se Deus nunca irá revelar uma mensagem proposicional ao homem, de onde é que Brunner recebeu tais informações que formularam seu pensamento teológico? Ora, é improvável que duas pessoas desprovidas de audição, visão e fala tenham uma boa relação. Tal relação só se daria com exceção pelo tato, o que, inevitavelmente, reduziria por demais um melhor relacionamento entre ambos. Mas, na realidade, o encontro inter-pessoal acontece sempre dentro de um contexto de conhecimento mútuo. Esse conhecimento não exclui o encontro, antes ele é seu instrumento indispensável. Se Deus se revelasse apenas em eventos, excluindo o aspecto proposicional, não temos como afirmar com certeza se Deus existe e que cremos nEle, haja visto que não podemos confiar naquilo que ele porventura tenha dito. Até mesmo os fatos que relatam um agir de Deus nós não poderíamos confiar, posto que não são confiáveis. Desta forma, a interrogação é manifesta: como o Deus soberano se tornaria mais pessoal ao abdicar o uso de meios proposicionais (revelação verbal)?

### **3.2. A defesa da revelação não-proposicional leva ao subjetivismo:**

Dentre as leis da lógica clássica, uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Evidentemente, podemos pensar que a verdade ela não pode estar em dois lugares distintos ou opostos entre si. Ora, sempre a Bíblia tende a fazer distinção entre a falsa e a verdadeira doutrina. Caso venhamos a negar a revelação proposicional, quem indica o que é revelação não é Deus, mas sou eu mesmo, pois qual será o parâmetro que terei para julgar um suposto encontro entre homem e Deus que gera revelação? E, como diz Nash, “se a revelação não tiver conteúdo informacional, como poderia ela produzir doutrina?”.<sup>12</sup> Mas, onde Brunner teria encontrado a fonte da verdadeira doutrina

---

<sup>11</sup> Colin Brown em **Ronald H. Nash**, *The Word of God and the mind of man*, 46. minha tradução.

<sup>12</sup> Idem, 48. minha tradução.

que a igreja deve confiar? Se formos levar isso a termos, descobriremos que haveria muitas contradições dentre os relatos de tais encontros. Assim, será que a “utilidade” de tal pensamento seria reduzida a confundir os leitores e permitir que estes realizem um propósito sem declarar qual propósito é este claramente? Neste momento é importante lembrar que o cristianismo é uma religião que se distingue da maioria das demais pelo fator doutrinário que a permeia. O seu próprio ensino é versado em condições morais que requerem posições bem definidas.

A existência religiosa do homem que defenderia a visão epistemológica da neo-ortodoxia nunca poderá estar certa que o assunto do encontro religioso não-verbal relativo que ele ostenta que era com Deus e não com sua própria consciência subjetiva, se não com o próprio Satanás. Como ele saberia-o ser uma verdadeira ou falsa experiência religiosa? Qual razão pode ele oferecer para justificar sua explicação *verbal* de sua experiência religiosa não-verbal? E por que deveria alguém acreditar nele?<sup>13</sup>

Enfim, se levarmos a posição de Brunner aos últimos pontos, a revelação acaba se tornando interpretação!

### **3.3. A linguagem humana é meio eficaz de Deus para comportar a revelação:**

Esse talvez seja o ponto vital que envolve todo esta controvérsia. No pensamento de Brunner não sai em nenhum momento a indagação: É possível a revelação de um Deus transcendente ser diminuída a proposições escritas? Penso que sim.

Primeiramente, a linguagem possui no mínimo cinco funções: (1) informativa – dados factuais outrora desconhecidos; (2) imperativa – ordens que exigem ação correspondente; (3) elucidativa – estímulos à nossa imaginação sobre coisas que já nos são familiares; (4) performática – tornar manifestas determinadas situações; (5) comemorativa – compartilhamento de uma percepção outrora individual, mas que agora deseja ser dada a saber a outrem.<sup>14</sup> Posto isso, é mister lembrar que a Bíblia comporta todas estas

---

<sup>13</sup> **Robert L. Reymond**, *A New Systematic Theology of Christian Faith*, 2ª ed. (Nashville: Thomas Nelson, 1998), 16. (minha tradução)

<sup>14</sup> Veja mais informações sobre essas funções em James I. Packer. “A suficiência da linguagem humana”, em **Norman Geisler**, ed. *A inerrância da Bíblia* (São Paulo: Vida, 2003), 250-252. Tal escrito é um ótimo trabalho sobre o assunto tratado neste ponto.

funções da linguagem. O próprio Senhor Jesus, sendo ele o próprio Deus, ensinou através de proposições com toda autoridade (Mt 7.28ss; 24.35), sendo que tudo isso foi dado a Ele pelo seu Pai (Jo 7.16ss; 8.26-28,38-47; 12.48-50). Obviamente, tudo o que ele disse foi objetivamente instruções, ensinamentos, discursos e testemunhos. Tudo isso procedendo de Deus! Por exemplo, na tentação do deserto Cristo responde assertivamente com três passagens prescritas por Deus às tentadoras perguntas de Satanás. Assim, vemos claramente que a questão de Deus falar em “linguagem humana para se comunicar com homens” é clara.

### **3.4. A linguagem faz parte do homem como ser criado à imagem de Deus:**

No relato da criação vemos que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26). Assim, Packer diz: “o texto continua baseado no pressuposto de que tanto a percepção do divino quanto a linguagem por meio da qual o homem pode conversar com Deus foram comunicadas a ele, desde o início, como parte integrante – ou mesmo pré-condição, da imagem divina”.<sup>15</sup>

O interessante que o texto não diz que foi o homem que primeiro se valeu da linguagem, pois se assim ocorre-se o homem teria “criado” algo, passando de criatura para criador. Na realidade, foi o próprio Deus que se valeu da linguagem (Gn 1.3,6). Assim, tal relato mostra que o pensamento e o discurso humano têm sua procedência e arquétipos em Deus. Packer continua:

Ao nos contar sobre Adão, Eva e seus descendentes, e como ouviam e regiam ao que Deus dizia, o Gênesis nos mostra que as referências ao Criador não ‘esticam’ a linguagem comum de modo artificial. Pelo contrário, esse ‘esticamento’ faz parte do uso elementar da linguagem. O que não é natural é o ‘encolhimento’ dela, como na suposição de que só seria usada com facilidade e naturalidade para se referir a objetos físicos. Ao nos informar, desde o início, que Deus usa a linguagem para transmitir informações aos homens e assim ensiná-los o que pensar sobre si mesmos e sobre o modo como se dirigir a ele, o Gênesis justifica o uso da linguagem teológica e da adoração como algo significativo e real, fixando como padrão da verdade a elocução divina, à qual nossas idéias teológicas devem sempre se conformar.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, 255.

<sup>16</sup> Idem, 256.



A partir desse entendimento, temos uma conclusão positiva e outra negativa: positivamente, isso nos mostra que é real a capacidade humana de compreender o que Deus lhe revela, reagindo a ela com ser competente para tal; negativamente, isso leva ao desmerecimento da teoria que a linguagem humana é incapaz de suportar a revelação divina, posto que o homem tem a linguagem como dádiva divina de Sua própria imagem. Ora, o próprio Deus falou sobre si mesmo de forma inteligível, usando uma linguagem humana. “Essa inteligibilidade decorre do chamado antropomorfismo [...] do relato dado por Deus sobre si mesmo. Tal antropomorfismo, porém, é basicamente um testemunho do teomorfismo essencial [...] do relato dado por Deus sobre si mesmo”.<sup>17</sup> Pelo fato de que Deus faz uso de uma linguagem e se expressa nela, muitas vezes até em termos semelhantes aqueles que utilizamos para descrever a nós mesmo, não é que Deus desvirtuou a si mesmo em tais palavras. Mas, isso demonstra que o homem, enquanto espécie dotada de capacidade para transmitir e receber comunicações proposicionais, é mais semelhante e, conseqüentemente, menos contrastante com Deus! Foi Ele que nos fez segundo a sua imagem e semelhança!

Portanto, as categorias do pensamento humano (princípios lógicos) e as categorias do discurso humano (princípios gramaticais) têm apenas um único remetente: Deus. A mente humana foi criada justamente com tais categorias a fim de que ambos, Deus e homem, pudessem comungar mutuamente, como Senhor e servo.

### **3.5. A transcendência de Deus não excluiu a revelação verbal/proposicional:**

Sobre isso, podemos perceber que nas Escrituras não há qualquer idéia de que a transcendência divina geraria uma insuficiência e falibilidade da revelação verbal/proposicional. Na realidade, o que vemos é o oposto do que é advogado por Brunner: a revelação verbal deveria ser guardada e obedecida justamente por causa da transcendência de Deus! É por isso que a autoridade divina da Palavra está intrínseca à sua mensagem, mesmo tendo ela também tendo alguns aspectos pessoais dos seus escritores humanos individualmente.

---

<sup>17</sup> Idem, 256.

Neste ponto é imprescindível lembrarmos que o ponto de ligação que há entre a transcendência de Deus e o seu senhorio. Ora, o senhorio de Deus é lembrado nas Escrituras apenas no sentido de preservação, direção e controle de todas as coisas que Ele mesmo criou. Neste sentido, é o único conceito de transcendência reconhecido pelas Escrituras. Portanto, os que advogam que declarações verbais não podem comportar a revelação divina devido a Sua transcendência simplesmente não têm qualquer testemunho escriturístico.

### **3.6. Considerar apenas fato como revelação excluiria qualquer testemunha da real revelação que não estivesse dentro de tal parâmetro:**

Deus domina sobre toda história. Ele reina sobre toda a eternidade. No entanto, é bem sabido que a Bíblia não é apenas um livro de histórias. Os seus gêneros literários são variados. Isso implica que a literatura epistolar, por exemplo, em sua maior parte não dá relatos de ações divinas. O seu conteúdo é doutrinário, o que leva, inevitavelmente, ao proposicionalismo. No entanto, para Brunner revelação só está ligado a atos/fatos que envolvam o agir de Deus. Desta forma, se seguirmos a linha de pensamento conclui-se que praticamente nada de tais cartas podem ser, “pelo menos”, testemunhas da revelação! O que elas fariam então na Bíblia?

Levando às últimas conseqüências esse pensamento, fico a pensar o tamanho da dificuldade que Brunner teria ao tentar explicar como a confissão de Pedro não se encaixaria como testemunho do Espírito Santo: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). Ela é a Palavra de Deus sendo falada por seres humanos, e através de proposições! Sobre este caso, Olson e Grenz relatam: “...Brunner admitiu esse caso único de identidade entre o discurso humano e a Palavra de Deus”.<sup>18</sup> O importante nessa declaração é quando consideramos que, uma vez que há um caso onde a identidade do discurso humano e a Palavra de Deus se encontram, perde-se completamente o paradoxo em que o Deus transcendente não poderia se revelar através de linguagem proposicional humana. O mesmo seria aplicado à passagem de Jo 4.23: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”. Aqui não há nenhum ato da parte de Deus. Há somente

---

<sup>18</sup> Stanley J. Grenz e Roger E. Olson, *A Teologia do Século 20*, 98.

conceituação. O que seria Deus então, caso venhamos a usar as premissas de Brunner? A melhor resposta seria um silêncio eloqüente!

#### **4. CONCLUSÃO:**

As Escrituras são a Palavra de Deus. Tal Palavra não se limita apenas à doutrinas, mas também ela nos dá demonstrações claras do agir de Deus na vida de uma humanidade caída – o que inevitavelmente nos mostra doutrinas, salva somente pela graça. É esta graça que mostra como Deus chamou tais mortais indignos para salvar! Ele próprio “a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana” (FI 2.7). Nas palavras de Packer, vemos que

“a mesma condescendência divina, que fez com que Deus se tornasse um bebê judeu, fosse executado em um patíbulo romano e desse a conhecer sua bondade e seu Evangelho a nós por meio de palavras corriqueiras [...] é única, e traz consigo uma mesma realidade que se estende sobre tudo e sobre todos – amor até o fim”.<sup>19</sup>

Isso é apenas outra forma de dizer que “as coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29.29). Elas, sim, demonstram que “lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos” (Sl 119.105).

SOLI DEO GLÓRIA

---

<sup>19</sup> Idem, 259.